

**OLÁ,
QUERIDA
ANN
NAPOLITANO**

Tradução de *Rafael de Oliveira*

TORDESILHAS
Rio de Janeiro, 2024



WILLIAM

Fevereiro de 1960 — Dezembro de 1978

Nos primeiros seis dias de vida de William Waters, ele não era filho único. Era irmão de Caroline, uma menina ruiva de três anos. Havia filmes caseiros mudos de Caroline nos quais seu pai parecia rir, algo que William nunca mais viu. O rosto dele parecia radiante, e a pequena ruiva, que puxava o vestido sobre a face e, rindo, corria em círculos em um dos filmes, era aparentemente o motivo. Caroline desenvolveu febre e tosse enquanto William e sua mãe estavam no hospital após seu nascimento. Quando chegaram à casa, a menininha parecia estar se recuperando, mas a tosse ainda era forte, e quando seus pais foram até seu quarto para buscá-la em uma manhã, encontraram-na morta no berço.

Os pais de William nunca mencionaram Caroline enquanto ele crescia. Havia uma fotografia dela na mesinha de canto da sala, para a qual William viajava ocasionalmente a fim de se convencer de que realmente tinha uma irmã. A família mudou-se para uma casa de telhas azul-marinho do outro lado de Newton — um subúrbio de Boston —, e naquela casa, William era filho único. Seu pai era um contador que trabalhava horas a fio no centro da cidade. Com a morte da filha, o semblante do homem nunca mais se iluminou. A mãe de William fumava cigarros e bebia bourbon na sala, ora sozinha, ora com uma vizinha. Ela tinha uma coleção de aventais com babados que usava enquanto preparava as refeições, e ficava agitada sempre que algum manchava ou sujava.

— Talvez você não devesse usar aventais enquanto cozinha — disse William uma vez, quando viu sua mãe com o rosto vermelho e à beira das lágrimas por causa de uma mancha escura de molho no tecido. — Em vez disso, você poderia prender um pano de prato no cinto, como a Sra. Kornet faz.

Sua mãe o olhou como se ele tivesse falado em grego. Então William acrescentou:

— A Sra. Kornet, que mora ao lado? O pano de prato dela?

Desde os cinco anos de idade, William costumava caminhar até o parque próximo quase todas as tardes com uma bola de basquete, porque, ao contrário do beisebol ou do futebol americano, era um jogo que ele podia jogar sozinho. Havia uma quadra aberta que geralmente tinha uma cesta livre, e ele arremessava a bola por horas, fingindo ser um jogador do Celtics. Bill Russell era seu favorito, mas, para sê-lo, precisaria de outra pessoa para bloquear ou defender. Sam Jones era o melhor armador, então William geralmente era Jones. Tentava imitar a forma perfeita de arremesso do armador enquanto fingia que as árvores que cercavam a quadra eram torcedores.

Em uma tarde, quando tinha dez anos, William apareceu na quadra e a encontrou ocupada. Garotos — talvez seis deles, mais ou menos da idade dele — estavam perseguindo uns aos outros e uma bola entre as cestas. William começou a se afastar, mas um dos meninos o chamou:

— Ei, quer jogar? — E então, sem esperar que ele respondesse: — Você está no time azul.

Em segundos, William foi arrastado para o jogo, com o coração batendo forte. Um garoto passou a bola para ele, que devolveu imediatamente, com medo de arremessar, errar e ouvir que era péssimo. Alguns minutos depois, o jogo foi interrompido abruptamente porque alguém precisava ir embora, e assim, os meninos saíram da quadra em direções diferentes. William voltou para casa, com o coração ainda martelando. Depois disso, ocasionalmente os meninos estavam na quadra quando William aparecia com sua bola. Não havia um cronograma definido para suas aparições, mas eles sempre o convidavam para o jogo como se fosse um deles. Isso nunca deixou de ser chocante para William. Crianças e adultos sempre o ignoravam, como se fosse invisível. Seus pais quase não o olhavam. William só aceitava e considerava compreensível, afinal, ele era chato e esquecível. Sua principal característica era a palidez: tinha cabelos cor de areia, olhos azul-claro e a pele muito branca compartilhada por descendentes de ingleses e irlandeses. Em seu interior, William sabia, ele era tão desinteressante e apagado quanto sua aparência. Ele nunca falava na escola, e ninguém brincava com ele. Mas os meninos na quadra de basquete ofereceram a William a chance de fazer parte de algo pela primeira vez, sem precisar falar.

No quinto ano, o professor de educação física de sua escola disse:

— Tenho visto você lá fora jogando basquete à tarde. Qual é a altura do seu pai?

William olhou para o homem inexpressivamente.

— Eu não tenho certeza. Altura normal?

— Ok, então provavelmente você será um armador. Isso significa que precisa trabalhar seu controle de bola. Você conhece Bill Bradley? Aquele cara

desajeitado dos Knicks? Quando criança, ele colava papelão nos óculos para não olhar para baixo, para não ver os pés. Assim, ele passou a driblar para cima e para baixo na calçada usando aqueles óculos. Parecia louco, sem dúvida, mas seu controle de bola ficou realmente bom. Ele passou a ter uma sensação perfeita de como a bola quicará e de como encontrá-la sem olhar.

William correu para casa naquela tarde, com o corpo vibrando. Fora a primeira vez que um adulto o olhou diretamente — reparando nele e no que ele estava fazendo —, e a atenção lhe causou certa angústia. William teve um ataque de espirros enquanto procurava um par de óculos de brinquedo no fundo da gaveta de sua escrivaninha. Ele foi ao banheiro duas vezes antes de colar cuidadosamente pedaços retangulares de papelão na parte inferior dos óculos.

Sempre que William se sentia doente ou estranho, tinha medo de morrer. Pelo menos uma vez por mês, rastejava para debaixo das cobertas depois da escola, convencido de que estava com uma doença terminal. Ele não contaria aos pais, porque doença não era algo permitido em sua casa. A tosse, em particular, era tratada como uma terrível traição. Quando William ficava resfriado, permitia-se tossir apenas em seu armário, com a porta fechada e o rosto abafado pela fileira de camisas de botão penduradas, que precisava usar para ir à escola. Ele estava ciente daquela preocupação familiar fazendo cócegas em seus ombros e em sua nuca enquanto corria para fora com a bola e os óculos. Mas William não tinha tempo para doenças agora, nem para o medo. Parecia o clique final de sua identidade se encaixando. Os meninos da quadra o reconheceram, e o professor de educação física também. William podia até não ter ideia de quem costumava ser, mas o mundo lhe disse: ele era um jogador de basquete.

O professor de educação física lhe deu dicas adicionais que o permitiram desenvolver mais habilidades. “Para defesa: empurre os outros com o ombro e a bunda. Os árbitros não marcarão falta. Faça *sprints*: dê um primeiro passo rápido e vença-os no drible.” William também trabalhou no passe, para passar a bola para os melhores jogadores do parque. Ele queria manter seu lugar na quadra e sabia que, caso melhorasse o desempenho dos demais, teria valor. Então, aprendeu para onde correr para dar espaço para os atacantes cortarem. Ele bloqueava para que eles pudessem arremessar melhor. Os meninos davam tapinhas nas costas de William depois de uma jogada bem-sucedida e sempre o queriam em seus times. Essa aceitação acalmou parte do medo que William carregava em seu interior. Na quadra de basquete, ele sabia o que fazer.

Quando William entrou para o ensino médio, era um jogador bom o suficiente para ser titular do time do colégio. Ele tinha 1,72 metro e jogava como armador. Suas horas de prática com os óculos valeram a pena; ele era de longe o melhor driblador do time e tinha um bom salto de média distância. Trabalhou

em seus rebotes, o que ajudou a compensar as perdas de bola de sua equipe. O passe ainda era a melhor habilidade de William, e seus companheiros apreciavam o fato de terem jogos melhores quando ele estava na escalação. Era o único calouro no time do colégio, e, portanto, quando seus companheiros mais velhos bebiam cerveja no porão de alguém cujos pais estivessem dispostos a fazer vista grossa, William nunca era convidado. Seus companheiros ficaram chocados — todos ficaram chocados — quando, no verão após seu segundo ano, William cresceu doze centímetros. Depois que começou a crescer, seu corpo parecia incapaz de parar, e no final do ensino médio, ele tinha dois metros. Ele não conseguia comer o suficiente para acompanhar seu crescimento e ficou incrivelmente magro. Sua mãe parecia assustada quando ele entrava cambaleando na cozinha todas as manhãs, e ela lhe dava um lanche sempre que ele passava por perto. Ela parecia pensar que a magreza dele refletia mal nela, porque alimentá-lo era seu trabalho. Seus pais às vezes iam aos seus jogos de basquete, mas com uma frequência aleatória, e sentavam-se educadamente nas arquibancadas, parecendo não conhecer ninguém na quadra.

Seus pais não estavam no jogo quando William tentou pegar um rebote e foi empurrado no ar. Seu corpo se contorceu enquanto ele caía, e ele pousou desajeitadamente sobre o joelho direito. A articulação absorveu todo o impacto e todo seu peso. William ouviu um barulho que vinha de seu joelho, e então uma névoa o envolveu. Seu treinador, que parecia ter apenas duas reações — gritar e resmungar — berrava em seu ouvido:

— Você está bem, Waters?

William geralmente respondia tanto aos gritos quanto aos resmungos formulando tudo o que dizia como uma pergunta; nunca se sentira seguro o suficiente para afirmar algo com certeza. Então limpou a garganta. A névoa ao seu redor, e em seu interior, era densa e permeada pela dor que irradiava de seu joelho. Ele disse:

— Não.

Fraturara a rótula, o que significava que perderia as sete semanas finais da temporada de seu penúltimo ano. A perna de William foi imobilizada com gesso e ele usou muletas por dois meses. Isso significava que, pela primeira vez desde os cinco anos de idade, ele não poderia jogar basquete. William sentou-se na cadeira da escrivaninha de seu quarto e jogou um papel amassado na lixeira ao lado da parede. A névoa que surgiu com o ferimento permaneceu; sua pele estava úmida e fria. O médico informou que ele se recuperaria e poderia jogar em sua temporada de último ano, mas, ainda assim, William sentia um leve pânico a cada minuto do dia. O tempo também parecia estranho. Ele sentiu como se fosse ficar preso no gesso, na cadeira, na casa, para sempre. Começou a

pensar que não conseguiria fazer isso, não poderia mais ficar parado dentro daquele corpo quebrado. Pensou em sua irmã, em como Caroline se fora. Pensou em sua partida, o que ele não entendia, mas enquanto o ponteiro do relógio trabalhava de um minuto para o outro, ele desejou ter partido também. Fora da quadra de basquete, ele não tinha utilidade. Ninguém sentiria falta dele. Caso desaparecesse, seria como se nunca tivesse existido. Ninguém falava de Caroline e nem falariam dele. Somente quando retiraram o gesso da perna de William e ele pôde correr e arremessar novamente, a névoa e a vontade de desaparecer diminuíram.

Graças às suas notas decentes e a seu desempenho promissor como jogador de basquete, William recebeu um punhado de bolsas de estudos de faculdades com programas de basquete da primeira divisão. Sentiu-se grato pela bolsa de estudo, porque seus pais nunca haviam sinalizado que pagariam a faculdade e porque ela representava uma promessa de basquete garantido. William queria deixar Boston — nunca estivera a mais de 100 quilômetros do centro da cidade —, mas o calor pantanoso do Sul o deixava nervoso, então aceitou uma bolsa de estudos da Universidade Northwestern, em Chicago. No final de agosto de 1978, William deu um beijo de despedida em sua mãe na estação de trem e apertou a mão de seu pai. Com sua palma pressionada contra a do pai, William teve o estranho pensamento de que talvez nunca mais os visse — que eles só tiveram um filho, e não era ele.

Na faculdade, William matriculou-se em aulas de história ao preencher sua grade. Ele sentia ter uma espécie de lacunas para preencher em seu conhecimento de como o mundo funcionava, e lhe parecia que a história tinha as respostas. Ele apreciava que o assunto acadêmico observava eventos díspares e encontrava um padrão. *Se* isso aconteceu, *então* isso aconteceu. Nada era completamente aleatório e, portanto, era possível traçar uma linha entre o assassinato de um arquiduque austríaco e uma guerra mundial. A vida na faculdade era muito nova para ser previsível, e William tinha dificuldade em encontrar um senso de equilíbrio diante de alunos entusiasmados que o cumprimentavam efusivamente enquanto ele caminhava pelo corredor barulhento de seu dormitório. Dividia seus dias entre estudar na biblioteca, treinar na quadra de basquete e assistir às aulas. Em cada um desses locais, ele sabia o que fazer. Afundava nas cadeiras

da sala de aula, abria seu caderno e sentia seu corpo relaxar de alívio quando o professor começava a falar.

William raramente notava outros alunos durante as aulas, mas Julia Padavano se destacava no seminário de história europeia porque seu rosto parecia iluminado de indignação e porque deixava o professor — um inglês idoso que segurava um lenço enorme amarrotado em um dos punhos — louco com suas perguntas. Seus cabelos longos e encaracolados balançavam ao redor de seu rosto brilhante como cortinas enquanto ela dizia coisas como: “*Professor, estou interessada no papel de Clementine nisso tudo. Não é verdade que ela foi a principal conselheira de Churchill?*” Ou: “*Você pode explicar o sistema de codificação do tempo de guerra? Quero dizer, os detalhes de como funcionou? Gostaria de ver um exemplo.*”

William nunca falou em sala de aula ou utilizou o horário de expediente do professor. Ele acreditava que o papel do aluno era manter a boca fechada e absorver o máximo de conhecimento possível. Compartilhava a opinião do professor sobre a garota de cabelos cacheados, que era a de que suas frequentes interjeições e perguntas, embora muitas vezes interessantes para William, eram indelicadas. A estrutura de uma sala de aula séria era criada por alunos ouvindo e o professor fornecendo sabedoria em um tapete de palavras cuidadosamente desenrolado; essa menina fazia furos naquele tecido, como se nem soubesse que ele existia.

William ficou surpreso uma tarde, depois da aula, quando ela apareceu ao lado dele e disse:

— Oi. Meu nome é Julia.

— William. Oi.

Ele teve de limpar a garganta; esta pode ter sido a primeira vez que ele falara naquele dia. A garota o observava com olhos arregalados e sérios. Ele notou que, à luz do sol, seus cabelos castanhos tinham mechas cor de mel. Ela parecia iluminada, por fora e por dentro.

— Por que você é tão alto?

Não era incomum as pessoas comentarem sobre a altura de William; ele entendia que seu tamanho era uma surpresa sempre que ele entrava em uma sala e que a maioria das pessoas se sentia compelida a dizer alguma coisa. Várias vezes por semana, ele ouvia: “*Como está o ar aí em cima?*”

No entanto, Julia pareceu desconfiada quando fez a pergunta, e sua expressão o fez rir. Ele parou no caminho que cruzava o pátio, então ela fez o mesmo. William raramente ria, e suas mãos formigavam, como se tivessem acabado de acordar de um sono privado de oxigênio. A sensação geral era de um agradável formigamento. Mais tarde, William olharia para trás e saberia que fora naquele momento em que ele se apaixonou por ela. Ou, mais precisamente,

quando seu corpo se apaixonou por ela. No meio do pátio, a atenção de uma garota específica acarretava gargalhadas dos cantos e recantos no interior dele. O corpo de William — cansado e entediado por sua mente hesitante — teve de disparar fogos de artifício em seus nervos e músculos para alertá-lo de que algo importante estava acontecendo.

— Por que você está rindo? — perguntou Julia.

Ele conseguiu se acalmar.

— Por favor, não se ofenda — disse ele.

Ela deu um aceno impaciente.

— Não me ofendi.

— Eu não sei por que sou tão alto.

Secretamente, porém, ele acreditava que seu desejo o levara a chegar a essa altura. Um jogador de basquete sério precisava ter, pelo menos, 1,90 metro, e William se importava tanto com isso que de alguma forma acabou desafiando sua genética.

— Faço parte do time de basquete daqui.

— Pelo menos você está fazendo disso uma virtude então — disse ela. — Talvez eu vá ver um de seus jogos. Geralmente não me interesso por esportes e só venho ao campus para as aulas. — Ela fez uma pausa e rapidamente acrescentou, como se estivesse envergonhada: — Eu moro na casa dos meus pais para economizar dinheiro.

Julia disse a ele para escrever o número de telefone dela em seu caderno de história, e antes que ela fosse embora, ele concordou em ligar para ela na noite seguinte. Até certo ponto, era irrelevante se ele havia se apaixonado por ela ou não. No meio do pátio, essa jovem parecia ter decidido que seriam um casal. Mais tarde, ela diria a ele que o observava nas aulas havia semanas e gostava de como ele era atencioso e sério.

— Não é bobo, como os outros meninos — disse ela.

Mesmo depois de conhecer Julia, o basquete ainda ocupava a maior parte do tempo e dos pensamentos de William, que foi o melhor jogador do time do colégio; na Northwestern, ele ficou consternado ao descobrir que estava entre os mais fracos. Nessa equipe, sua altura não era suficiente para diferenciá-lo, e os outros jovens eram mais fortes do que ele. A maioria deles praticava levantamento de peso havia alguns anos, e William estava em pânico por não ter feito o mesmo. Era facilmente empurrado para o lado e derrubado durante os treinos. Então, começou a frequentar a sala de musculação antes do treino e ficava na quadra até tarde para praticar arremessos de diferentes ângulos. Sentia fome o tempo todo e guardava sanduíches extras nos bolsos do casaco. Percebeu que seu papel nessa equipe provavelmente seria o de “cara da cola”. Ele era bom o

suficiente em passes, arremessos e defesa para se tornar útil, mesmo não sendo um atleta talentoso. Sua habilidade mais valiosa era que ele raramente cometia erros na quadra. “QI de basquete alto, mas sem impulsão”, William ouviu um dos treinadores dizer sobre ele quando não sabiam que ele estava ao alcance da voz.

Sua bolsa exigia que ele trabalhasse no campus e, da lista de possibilidades, escolheu aquela que acontecia no prédio do ginásio, porque seria conveniente para o basquete. Apresentou-se à lavanderia no subsolo do enorme prédio na hora marcada, onde foi confrontado por uma mulher magra, com cabelo afro alto e óculos, que balançou a cabeça e disse:

— Você está no lugar errado. Disseram para vir aqui? Meninos brancos não são designados para lavar roupas. Você precisa ir à biblioteca ou ao centro de recreação estudantil. Prossiga.

William olhou para a extensão da longa e estreita sala. Havia uma fileira de trinta máquinas de lavar em uma parede e trinta secadoras na outra. Era verdade que, até onde ele podia ver, ninguém mais era branco.

— Por que isso importa? — perguntou ele. — Eu quero fazer este trabalho. Por favor.

Ela balançou a cabeça novamente, fazendo seus óculos dançarem em seu nariz, mas antes que ela pudesse falar, uma mão deu um tapinha nas costas de William, e uma voz profunda chamou seu nome. Ele se virou e viu um dos outros calouros do time de basquete, um poderoso atacante chamado Kent, que tinha quase o oposto das habilidades de William no jogo: era um atleta supremo que enterrava teatralmente, recuperava rebotes e corria a cada minuto que estava em quadra, mas fazia leituras ruins das jogadas, perdia a posse da bola e nunca sabia onde se posicionar na defesa. O treinador levava as mãos à cabeça enquanto observava Kent correr na quadra, provavelmente chocado com a disparidade entre o potencial físico do jovem e seu jogo errático e de alta velocidade.

— Ei, cara — disse Kent. — Você está trabalhando aqui também? Se quiser, posso mostrar a ele como tudo funciona, senhora. — Kent ofereceu à severa mulher um sorriso largo e encantador.

Ela suavizou a expressão e disse:

— Tudo bem, então. Tome conta dele e vou fingir que ele não está aqui.

A partir daí, William e Kent cronometraram seus turnos na lavanderia para que pudessem trabalhar lado a lado. Lavavam centenas de toalhas e uniformes de todos os times. Os uniformes de futebol americano eram os piores, por causa do cheiro e das manchas profundas de grama que exigiam um alvejante especial para esfregar o tecido. William e Kent desenvolveram um ritmo para cada etapa do processo de lavanderia; focando tempo e eficiência, o trabalho

parecia uma extensão da prática de basquete. Eles usaram o tempo para estudar as jogadas e descobrir como seu time poderia melhorar.

Certa tarde, enquanto dobravam uma enorme pilha de toalhas, William explicou:

— É assim: passe de armador para amador para iniciar, seguido de um ala saindo da linha de fundo e um armador indo em direção ao pivô. — William fez uma pausa para se certificar de que Kent acompanhava seu raciocínio. — Se o passe vai para o pivô, o lateral sai para o canto e o outro armador sai, e o outro guarda faz um corta-luz do lado fraco.

— Escolha o seletor.

— Sim. E se o pivô tomar a frente, o *flex* se repete.

— Previsível demais! O treinador quer que façamos a mesma coisa indefinidamente...

— Se fizermos isso direito, não há muito o que a defesa possa fazer para impedir, mesmo que saiba o que a espera, especialmente se nós...

— Meninos — disse o homem na secadora ao lado —, vocês sabem que isso não faz sentido, não é? Quero dizer, eu assisto basquete e não tenho ideia do que vocês estão falando.

Kent e William sorriram para ele. No final do turno, eles subiram para o ginásio, onde estava seis graus mais frio, e fizeram arremessos.

Kent, que era de Detroit, tinha opiniões fortes sobre os jogadores e times da NBA e geralmente pausava suas frases no meio para rir de uma das piadas idiotas que voavam como aviões de papel pelo vestiário. Durante os treinos, o treinador costumava gritar repetidamente com ele por exibicionismo, pelo que Kent se desculpava, mas repetia cinco minutos depois. E o treinador gritava “Fundamentos!” de novo e de novo.

Kent afirmou ser parente de Magic Johnson, que estava no último ano na Universidade Estadual de Michigan e era amplamente considerado escolha certa na primeira seleção no próximo *draft* da NBA. Era tão fácil para ele fazer amigos — todos gostavam dele — que William se perguntava por que Kent escolhera passar seu tempo com ele. Só conseguia imaginar que Kent via em sua tranquilidade uma oportunidade para assumir um papel de liderança na amizade. Kent falava a maior parte do tempo, e, aos poucos, William percebeu que ele contava histórias pessoais para fazê-lo compartilhar as suas. Depois de ouvir sobre a leucemia da avó de Kent, que surpreendeu a todos na família — aparentemente, ela alegou que viveria para sempre e tinha uma força tão poderosa dentro de si que todos simplesmente acreditaram —, William confidenciou a Kent que havia trocado apenas uma carta com seus pais até então e que ficaria na faculdade nas férias de Natal.

Depois de uma longa noite de treino, enquanto eles caminhavam lentamente pelo pátio tranquilo, com os músculos doloridos de exaustão, Kent disse:

— Às vezes tenho que me lembrar de que não importa se o treinador me coloca no banco ou me repreende porque não aprecia a beleza do meu jogo. Eu vou cursar medicina. Ele não pode impedir que meu futuro aconteça.

William ficou surpreso.

— Você vai ser médico?

— Com certeza. Ainda não resolvi a questão da mensalidade, mas isso é questão de tempo. O que você vai fazer depois da faculdade?

William percebeu que seus dedos estavam congelando. Era início de novembro, e quando ele inspirou, sentiu o ar gelado em seus pulmões. Ele nunca considerara a vida após a faculdade; estava ciente de que evitava vislumbrar o futuro de propósito. Ele queria responder *basquete*, mas não era bom o suficiente para que essa fosse sua carreira. Kent, ao fazer a pergunta, confirmou que também não achava que William era bom o suficiente.

— Não sei — disse William.

— Vamos começar a pensar nisso, então — disse Kent. — Você é um cara talentoso. E temos tempo.

“*Sou talentoso?*”, William pensou. Ele não estava ciente de nenhum talento fora da quadra.

No início de dezembro, Julia compareceu a um jogo de basquete em uma sexta-feira à noite, e quando William a notou nas arquibancadas, sua visão ficou turva e ele passou a bola para o outro time.

— Ei — gritou Kent enquanto passava por William na quadra. — Que besteira foi essa?

Na ponta defensiva, William fez duas roubadas de bola que mudaram a dinâmica do jogo a favor dos Wildcats. No ataque, na parte superior do garrafão, ele fez um passe quicado para um arremessador que estava livre na lateral. Kent exultou pouco antes do intervalo:

— Entendi! Você tem uma garota aqui! Onde ela está?

Depois do jogo — os Wildcats venceram, e William havia jogado seus melhores minutos do início da temporada —, ele subiu na arquibancada para ver Julia. Só quando se aproximou, ele viu que ela estava acompanhada de três garotas parecidas com ela. Tinham os mesmos cachos revoltos na altura dos ombros.

— São minhas irmãs — explicou Julia. — Eu as trouxe para assistir você dar suas enterradas. Essa é a linguagem do basquete, certo?

William assentiu e, sob o escrutínio das quatro garotas, de repente se deu conta do quanto seu short era curto e da vulnerabilidade da regata cavada.

— A gente adorou! — disse uma das meninas de aparência mais jovem. — Pareceu muito cansativo. Acho que em toda a minha vida nunca suei tanto quanto você suou hoje. Eu sou Cecelia, e esta é minha irmã gêmea, Emeline. Temos catorze anos.

Emeline e Cecelia sorriram amigavelmente para ele, que sorriu de volta. Julia e a outra irmã o estudavam como avaliadores de joias analisando uma pedra. Ele não teria ficado surpreso se uma delas tirasse uma lupa de relojoeiro de sua bolsa para examiná-lo.

— Você parecia tão poderoso... lá na quadra — disse Julia.

William corou, assim como as bochechas de Julia. Ele percebia o desejo dessa linda garota por ele e não podia acreditar em sua sorte. Ninguém nunca se interessara por ele. Ele gostaria de poder tomá-la em seus braços, na frente de suas irmãs, na frente de toda a arena, mas esse tipo de ação ousada não era de sua natureza. Ele estava encharcado de suor, e Julia estava falando de novo.

— Esta é minha irmã Sylvie — acrescentou ela. — Eu sou a mais velha, mas apenas por dez meses.

— Prazer em conhecê-lo — disse Sylvie. Seu cabelo era um tom mais escuro que o de Julia, e ela era menor, menos curvilínea. Ela continuou analisando William, enquanto Julia sorria, radiante como um pavão exibindo as penas. Parado diante dela, ele notou um dos botões da camisa de Julia se abrir, pressionado contra o peito volumoso. Ele teve um vislumbre do sutiã rosa antes que ela percebesse e ajeitasse a camisa.

— Quantos irmãos você tem? — perguntou Emeline ou Cecelia.

Elas não eram idênticas, mas eram parecidas demais para William. A mesma tez morena, o mesmo cabelo castanho-claro.

— Irmãos? Nenhum — disse ele, embora, é claro, pensasse na foto emoldurada da criança ruiva na sala de estar de seus pais.

Julia já sabia que ele era filho único — fora uma de suas primeiras perguntas durante o primeiro telefonema —, mas as outras três meninas pareciam comicamente chocadas.

— Isso é terrível — disse Emeline ou Cecelia.

— Devíamos convidá-lo para jantar em nossa casa — disse Sylvie, e as outras garotas assentiram. — Ele parece solitário.

E assim, depois de quatro meses na faculdade, William se viu com sua primeira namorada e uma nova família.

